

NA FUNÇÃO DA GRAVURA: PROCESSOS, EXPERIÊNCIAS, LITOGRÁFIA

BRUNA LOPES SILVA¹; BRUNO FIGUEIRÔA²; KELLY WENDT³

¹Universidade Federal de Pelotas – silvabrunalopesart@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – figueiroa.brunop@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – kelly.wendt@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um relato sobre experiências coletivas desenvolvidas em gravura através do projeto “Litografia e Serigrafia: linguagens em processo” coordenado pela professora Kelly Wendt e iniciado no primeiro semestre de 2017. Tendo trabalhado desde então a história e a técnica da litografia com alunos, professores colaboradores, e pessoas da comunidade, o curso propõe experimentar e discutir tais fazeres técnicos de cunho artístico em demandas mais avançadas já que “em função das técnicas que conheço, posso ter uma idéia em tal domínio, [...]” (DELEUZE, 2012, p.173).

A gravura é uma linguagem presente nos campos das artes visuais, da imprensa, das publicações, isto é, da comunicação em geral (histórica e contemporânea) que têm como principal característica a possibilidade de reproduzir imagens a partir de uma matriz, esta que pode variar de acordo com a época ou a necessidade de quem grava. O conceito da gravura artística, aprendido e ensinado em disciplinas do ateliê de gravura no Centro de Artes da UFPel, tanto resgata da tradição quanto atualiza determinados tipos de procedimentos¹ teórico-manuais despojando-se do caráter expressivo destes e dos materiais que dispomos hoje, baseando-se em experiências práticas com as técnicas e discussões formais relacionadas a cada tipo de processo.

O fazer da gravura portanto, é um trabalho que comprehende em si um entendimento capaz de nos projetar para fora – produzindo assim obras de arte – ativando uma experiência criativa que desenvolve imagens sensíveis subtraídas de sua aparição singular, reinventando e rediscutindo a problemática da reproducibilidade (BENJAMIN, 2012). Já que é um processo complexo, principalmente no caso da litografia trabalhada até então pelo nosso grupo e sobre a qual o presente texto introduzirá, salientamos a pertinência da orientação específica da professora e da monitora nestas várias etapas da experimentação e da criação em gravura.

2. METODOLOGIA

A litografia é um tipo de procedimento de gravura planográfica², realizado em uma superfície calcária denominada *pedra litográfica* e está baseada em princípios químicos, fundamentalmente a repulsão entre água e gordura.

O primeiro passo é a limpeza das pedras, processo denominado *granitagem*. Deve ser realizado sobre um tanque específico, com água corrente e um grão fino postos na superfície da pedra, esta que será então sobreposta de uma segunda

¹ Os procedimentos tradicionais da gravura, tais como a litografia ou a calcografia (gravura em metal) entre outros, podem ser pesquisados em muitos manuais de gravura, portanto apontamos que o que serviu de base para o presente estudo é o *Técnicas da Gravura Artística* das artistas portuguesas Alice Jorge e Maria Gabriel de 1986.

² Existe, no campo da gravura, uma separação terminológica para *matrizes em relevo*, cujo princípio é o de subtração (xilogravura por exemplo) e *matrizes planográficas* cujo princípio é o de adição de matéria na superfície da matriz.

pedra realizando movimentos uniformes em forma de 8. Seca-se a pedra e preparam-se as margens aplicando com um pincel uma substância denominada goma arábica.

A imagem trabalhada através da litografia diferencia-se de vários outros processos da gravura pela possibilidade de se obter uma enorme gama de meios tons, impossível na impressão de matrizes em relevo. Esta, após a pedra ter sido preparada deve ser gravada (Fig. 1) com materiais à base de gordura: lápis litográfico ou dermatográfico, crayon, touche, tendo a possibilidade de diluí-los com terebentina para obtenção de aguadas e aplicações gestuais.

Quando o desenho é finalizado é preciso deixar a pedra descansar por algumas horas. Em seguida aplica-se uma camada fina de breu e de talco para proteger a pedra “da possibilidade de queimação provocada pelo ácido no processo de acidulação.”³ (MAXWELL, 1977, p. 231).

O processo de acidulação consiste em cobrir a superfície da pedra com uma solução preparada em proporções variáveis de goma arábica com ácido nítrico, onde

As propriedades da goma arábica vão contribuir para que o desenho (gordura) se fixe. Por sua vez, as zonas não desenhadas, isto é, não engorduradas, fiquem aptas a rejeitar a gordura da tinta de imprimir (devido às qualidades de absorção da pedra, que está constantemente a ser umedecida, durante a fase da impressão). (JORGE, GABRIEL, 1986. p.110)

A pedra deve novamente descansar por um período de 12 a 14 horas até que se possa prosseguir com a retirada da imagem e a realização das provas e impressões (Fig. 2).



Fig. 1: processo coletivo de gravação
(fonte: arquivo da autora)



Fig. 2: processo coletivo de impressão
(fonte: arquivo da autora)

³ Tradução nossa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A técnica da litografia foi desenvolvida pelo alemão Aloys Senefelder em 1798, tendo o primeiro manual *A complete course of litography* publicado por ele em 1819. Foi largamente utilizada ao longo do século XIX tanto para fins comerciais quanto para fins artísticos, pois ela podia ser executada “em novas formas feitas diariamente” (BENJAMIN, 2012. p, 114.). A técnica foi em seguida ultrapassada comercialmente por processos mecânicos e industriais, que acabaram por transformar completamente a imprensa e a comunicação modernas e contemporâneas, sendo então consagrada sua exploração para fins artísticos até a atualidade.

Dadas as condições, trabalhamos no sentido de propor alguns conceitos ao grupo (tais como o de *sobreposição*, *camadas*, *aderência*, *margens/limites*) para que pudéssemos juntas (os) refletir o processo da gravura expandindo suas funções para as práxis de cada artista. Nesse sentido, convém citar o trabalho do artista Clóvis Martins Costa⁴ o qual, através da investigação pictórica subverte a linguagem tradicional da pintura partindo da mesma até tamanha impregnação processual ao levar suas “telas” até a margem do rio “aplicando” sua imagem ao *contato direto* com o seu próprio referencial (a paisagem). Alguns dos impressos obtidos através destas experiências (Fig.3) executam quase que a reflexão inversa: agiram através do referencial (a litografia) aplicando imagens produzidas pelos próprios participantes ao contato com certa impregnação no processo da gravura, aderindo assim (a cada camada) à possibilidade de criação e portanto, de novos significados.



Fig. 3: impressões produzidas pelo grupo
(fonte: arquivo da autora)

4. CONCLUSÕES

⁴ Clóvis Martins Costa é professor no curso de Bacharelado em Artes Visuais da UFPel, área de pintura. O artista foi um dos colaboradores propondo discussões entre sua prática e a prática da litografia.

Há uma variedade de pesquisas, tanto no Brasil quanto no exterior, em técnicas alternativas de litografia devido à dificuldade de se ter acesso à um espaço de trabalho capacitado, “são poucos ateliês que possuem as pedras litográficas, o que impede o seu fácil acesso;” (GROL, BLAUTH, 2016. p. 38). Portanto mediar ações educativas que propõem uma ativação destes espaços parece de fundamental importância para um melhor aproveitamento da estrutura da universidade.

As operações criativas orientadas à litografia permitem tanto o aprimoramento de quem aprende quanto de quem orienta pois é através de estar ali, na função da gravura, dedicando mais tempo ao processo e permitindo-se a errância na experimentação que capacitamo-nos para um entendimento prático que é próprio ao campo das Artes Visuais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reproduzibilidade técnica.** In: DUARTE, Rodrigo. O belo autônomo: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2012.

DELEUZE, G. **O que é o ato de criação?** In: DUARTE, Rodrigo. O belo autônomo: textos clássicos de estética. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Crisálida, 2012.

GROL, A.P.S. BLAUTH, L. Gravura: procedimentos alternativos em litografia contemporânea. **Revista da Fundarte.** Montenegro, ano 16, n. 32, p. 36-51, jul/dez. 2016.

JORGE, A. GABRIEL, M. **Técnicas da Gravura Artística.** Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

MAXWELL, W.C. **Printmaking, a beginning handbook.** New Jersey: PRENTICE-HALL (A Spectrum Book), 1977.